

Superávit facilita negociações da dívida

O ministro da Fazenda, Maílson Ferreira da Nóbrega, utiliza os acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e os bancos credores para chegar ao entendimento também com o Clube de Paris. Maílson quer assegurar logo o ajuste externo para, depois, concentrar suas atenções sobre os problemas internos, ciente de que "o Brasil está atravessando um dos mais importantes momentos de sua história".

"Se, de um lado — afirmou o ministro da Fazenda a este jornal, poucas horas

antes de embarcar na última quinta-feira rumo à Europa — é inegável a grave crise econômica com que se defronta o País, cujos sinais mais marcantes são dados pela aceleração inflacionária, pela queda do nível de atividade econômica e pelo elevado grau de endividamento interno e externo do setor público, por outro, há que se reconhecer as profundas transformações econômicas e políticas pelas quais o Brasil está passando".

Para Maílson, o Governo está fazendo a sua parte e espera que a Constituinte

encerre logo os seus trabalhos para que toda a Nação concentre esforços para a retomada do crescimento. "Além do reordenamento jurídico que o País ganhará com a nova Constituição, a partir da constatação de que o modelo de crescimento baseado no paternalismo e intervencionismo estatal já está esgotado, o Governo vem adotando várias medidas no sentido de reduzir o tamanho do setor público e de liberalizar e modernizar a economia. Tais transformações certamente abrirão o caminho para que o País supere suas dificulda-

des e possa reiniciar um vigoroso ciclo de desenvolvimento".

AJUSTE EXTERNO

Após reabrir os canais para a obtenção de novos créditos do Japão e do Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos (Eximbank), o ministro da Fazenda passa a semana conversando com banqueiros e autoridades econômicas da Inglaterra, França, Alemanha Ocidental e Itália, antes de encerrar a viagem nos EUA. Maílson precisa levantar empréstimo

ponte de pelo menos 500 milhões de dólares e ainda amarrar o reescalonamento das dívidas junto ao Clube de Paris, no atual giro à Europa e Estados Unidos.

Os sucessivos superávits mensais recordes da balança comercial facilitam o ajuste externo. Com o saldo acumulado de 8,64 bilhões de dólares no primeiro semestre, é até quase inevitável o Brasil fechar o ano com superávit comercial de 15 bilhões de dólares. Por isso, o presidente do Banco Central, Elmo de Araújo Camões, disse a este jornal estar tranqüilo

quanto ao fechamento das contas externas deste ano, "como resultado dos crescentes superávits da balança comercial, superiores a 1 bilhão de dólares; dos mecanismos de conversão da dívida em investimentos diretos e da recente renegociação com os credores externos".

Camões reconheceu que, apesar dos recordes na balança comercial, o Brasil continua com três problemas cruciais: "A economia tem, atualmente, um crescimento menor do que seria desejável para gerar, a

cada ano, volume de novos empregos compatível com a expansão demográfica; a constante queda do poder aquisitivo do cruzado tem desestimulado a poupança interna, que é essencial para amparar novos investimentos, e o serviço da dívida externa consome parte apreciável das receitas de exportação, em prejuízo das importações estimuladoras do desenvolvimento do País".

Mas o presidente do Banco Central, previu um quadro "mais otimista para os próximos meses".